

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS JUNTO AOS INDIOS KAXINAWÁ, SÍTUA-
DOS NA ÁREA TERRITORIAL QUE SE ESTENDE AO LONGO DO RIO JORDÃO.

O contato direto com os índios Kaxinawá, no seu território se deu em 5 etapas, as quais tomamos como esquema referencial para desenvolver o presente relatório:

1ª ETAPA: ano de 1975, outubro/dezembro - primeira penetração na área.
Objetivo - levantamento sócio-econômico da região, em pesquisa para a Divisão de Estudos e Pesquisas da Fundação Nacional do Índio (FUNAI);

2ª ETAPA: ano de 1976, setembro/dezembro - segunda penetração na área.
Objetivo - pesquisa financiada pela Universidade Federal do Acre;

3ª ETAPA: ano de 1977, abril/maio - terceira penetração na área.
Objetivo - delimitar as reservas indígenas da bacia do Tarauacá;

4ª ETAPA: ano de 1978, maio - quarta penetração na área.
Objetivo - auxiliar os Kaxinawá, num momento de decisões de cunho comercial;

5ª ETAPA: ano de 1978 - julho/novembro - quinta penetração na área.
Objetivo - prática do projeto de desenvolvimento de Comunidade e Educação Indígena.

OBSERVAÇÃO: os objetivos, justificativas e informações, constantes no desenvolvimento das 3 primeiras etapas desse relatório, foram retirados da tese de mestrado do antropólogo Terri Vale de Aquino.

P R I M E I R A E T A P A

No ano de 1975, de outubro a dezembro, o antropólogo Terri Vale de Aquino fez sua primeira viagem em território ocupado pelos índios Kaxinawá, com o objetivo de efetuar um "survey" preliminar, com vistas a fornecer um levantamento sócio-econômico da região à Divisão de Estudos e Pesquisas da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), financiadora dessa etapa primeira. O interesse do antropólogo em realizar essa pesquisa era a de colher também informações para a elaboração de sua tese de mestrado pois, nessa época, era aluno do curso de pós-graduação em Antropologia Social, da Universidade de Brasília (UnB).

Por ocasião dessa primeira etapa, a FUNAI nunca havia atuado na região, desconhecia a situação das populações indígenas dos vales dos rios Purús e Juruá, não existia uma única reserva e nem posto indígena foi instalado, durante quase um século de contato entre os diversos grupos Pano e Aruák e a sociedade nacional. Apenas a partir de 1976 é que a FUNAI instalou uma ajudância em Rio Branco, cuja área de atuação limitava-se tão somente ao vale do Purús. Os Kaxinawá sempre desconheciam e ainda desconhecem uma atuação da FUNAI na bacia do Tarauacá, área em que se localizam.

Durante essa pesquisa, foi feito um recenseamento da população Kaxinawá, constatando-se uma concentração maior no território que se estende ao longo do rio Jordão.

Ao fazer o censo de um dos grupos domésticos de Morada Nova, Terri conheceu Carlito Cataiana, um Kaxinawá que morava, anteriormente, em um seringal do rio Muru, localizado próximo à cidade de Tarauacá. Tinha miúdo porque o seringal fora vendido para a Agropecuária Cinco Estrelas S.A, de propriedade da Viação Aérea Cruzeiro do Sul, e os novos donos não

permitiram que ele continuasse cultivando a terra, explorando as estradas de seringa e criando seus animais domésticos. Carlito conta sua história: por ter-se recusado, no primeiro momento a vender as benfeitorias de sua colocação, ele foi intimado pelo Delegado de Polícia de Tarauacá, e passou alguns dias na prisão, até que resolvesse aceitar os \$ 400,00 (quatrocentos cruzeiros) oferecidos pela administração do grupo Cinco Estrelas.

Sabedora dos graves conflitos existentes, entre os posseiros "acreanos" e os novos donos dos seringais, conhecidos regionalmente como os "paulistas", a administração daquele grupo econômico tinha atuado rapidamente, e expulsado todos os que poderiam alegar direito de posse, dentro da área de 37.600 hectares da nova fazenda.

Por ser um conhecedor exímio da área e da maioria dos Kaxinawá que viviam no Murú, Humaitá, Iboiaçu, Tarauacá e Jordão, Carlito foi convidado, e aceitou, ser guia dos pesquisadores nas duas primeiras etapas do trabalho.

Essa pesquisa se estendeu até o rio Jordão, constituindo a primeira penetração do antropólogo nessa área, que hoje é foco de acusações e denúncias de que são vítimas pessoas que promoveram atividades junto aos índios Kaxinawá.

Nesta época, o Jordão atravessava uma forte epidemia de malária. A maioria da população Kaxinawá estava com esta doença, conhecida regionalmente como "impaludismo", o que agravava ainda mais a total subordinação ao patrão, aumentando suas dívidas. Terri passou a maior parte de sua estadia de um mês, no rio Jordão, no seringal Fortaleza, cujo patrão era um Kaxinawá, Alfredo Sueiro. Esse pequeno seringal, conhecido também como "seringal dos caboclos", é o ponto de convergência de todos os Kaxi que vivem naquele rio, pois é a área reputada como de propriedade da família do Sueiro. Observou-se que não havia mercadorias as que Sueiro conseguia, eram quase que exclusivamente para o seu próprio grupo doméstico. É que, como ele próprio explicou, o atual patrão do Jordão, Carlos Farias, não lhe fornecia mais mercadorias porque não dispunha nem para abastecer os seus "gerentes aviados" dos diversos seringais que controlava. Isso era sintomático da grande crise na produção da borracha da região, principalmente no seringal de Sueiro. Os seus "fregueses" só eram obrigados a pagar a renda pela parcela de estrada que ocupavam e, como não haviam mercadorias para "aviar" ou fornecer ao seringueiros, estes podiam vender a borracha para um dos dois grandes seringalistas, estabelecidos na Foz do Jordão com o Tarauacá: Hilarino Melo e Carlos Farias.

Durante essa primeira etapa, graças a ajuda de Carlito e Sueiro, foi feito um mapeamento minucioso dos rios em que habitavam e trabalhavam os Kaxinawá da bacia do Tarauacá, percebendo-se daí que a maioria dessa população continuava engajada como força de trabalho no contexto da empresa seringalista, destacando-se o Jordão como rio que apresentava a maior concentração desse grupo indígena. Aí, também, a maioria dos seringueiros era constituída de Kaxinawá. Por isso foi selecionado este rio como locus de uma pesquisa mais intensiva.

S E G U N D A E T A P A

Até então não havia sido definido um projeto de pesquisa. A primeira etapa despertou o interesse de fazer uma etnografia sobre o seringal, baseado na mão-de-obra Kaxinawá. O principal objetivo passou a ser o levantamento de dados referentes à prática econômica do grupo na empresa seringalista.

Essa segunda etapa abrange um período que se inicia em setembro até fins de dezembro de 1976. Havia um projeto de pesquisa, financiado pela Universidade Federal do Acre, envolvendo professores e alunos daquela instituição, cujo objetivo era compreender as mudanças ocorridas na estrutura econômica do Estado, em virtude do processo progressivo de substituição da já decadente frente extrativista da borracha pela moderna frente agropecuária. Essa pesquisa se estenderia por todo o vale do Juruá e por isso foi dividido em 2 fases, ficando a 2ª

fase - a da região da bacia do Tarauacá, incluindo o rio Jordão - entregue a Terri e Conceição, acontecendo assim a segunda penetração do antropólogo nesse território dos índios Kaxinawá, agora acompanhado da estudante de Pedagogia, Maria Conceição Maia de Oliveira, que passa, a partir daí, a atuar como colaboradora em sua tese de mestrado.

Subiram o rio Tarauacá até o Jordão na companhia de Alfredo Sueiro, que encontraram em Tarauacá, preocupado em aposentar 4 velhos Kaxinawá, ocasião em que o antropólogo prestou o primeiro auxílio àquela comunidade indígena, qual seja o de ajudar Sueiro na efetivação dessas aposentadorias. Também os acompanhou Carlito, convidado novamente para ir e servir como guia.

Durante essa viagem, Sueiro esteve presente em todas as entrevistas realizadas com patrões, seringueiros e barraqueiros, prestando atenção a todos os detalhes das respostas dos entrevistados, e que, provavelmente, o tenha motivado a pensar em movimentar novamente o seringal Fortaleza.

"A sua primeira iniciativa foi trocar de patrão e, para tal, pedir nosso apoio. Fomos juntos falar com o novo patrão - Hilarino Melo - que estava temeroso em fornecer as mercadorias à produção da safra da borracha. A mudança do patrão era uma estratégia que ele percebia como a única possível para reabrir o seu seringal. Sueiro tinha um jeito todo especial de nos envolver, e que nos obrigava a tomar posições concretas. Assim é que, um dia, sugeriu-nos que levássemos para vender em Rio Branco uma coleção de artefatos da cultura material do grupo. Com o dinheiro conseguido, pretendia comprar as mercadorias mais baratas e assim poder "aviar", por preço mais acessível, seus poucos fregueses, seringueiros Kaxinawá. Nossa primeira reação, inclusive alertados por Carlito, foi a de recusar fortalecer uma diferenciação interna no grupo Kaxinawá do rio Jordão. Sueiro questionava a postura clássica do antropólogo que estava ali apenas para observar, com promessas de escrever um livro contando a história direito, a partir do ponto de vista do grupo. Ele tornou-se nosso mais paciente e didático introdutor na situação de exploração dos Kaxinawá do Jordão, e tentava nos convencer de que se levássemos os tais objetos, que ele mesmo chamava de "besteiras de caboclo", ele podia comprar um terçado, machado, enxada, faca de seringa, tigelas, baldes, tecidos, sal, munição, açúcar, querosene, sabão, etc. a preços baratos e revender, também "em conta", aos outros Kaxi.

Para mostrar toda a sua boa vontade e a sua nova conduta, ele aboliu a renda das estradas de seringa que, até então, à maneira de todos os patrões da região, ele cobrava 70 kg. de borracha pela ocupação de duas estradas de seringa. Esse fato foi bastante aprovado no Jordão, inclusive por seringueiros regionais, que também concordavam com a abolição da renda que eram obrigados a pagar ao patrão só por ocupar uma parcela de estrada. Combinamos vender os tais objetos para a Universidade Federal do Acre, que assim podia iniciar um museu de cultura material dos diversos grupos indígenas existentes naquele Estado. Sueiro conseguiu mobilizar toda a população Kaxinawá do Jordão para fabricar peças que eles próprios já haviam esquecido. Apenas as mulheres mais velhas sabiam fazer cerâmicas, pinturas, desenhos, máscaras para rituais, redes, etc. Sueiro fez-nos observar que esta era a primeira vez que os jovens estavam procurando aprender a fabricar "as besteiras de caboclo".

Em meio a preparação do "museu kaxinawá", iniciamos a segunda etapa de campo da pesquisa. Tomando como base a sede do Fortaleza, percorremos todas as colocações dos seringais onde viviam os Kaxinawá do Jordão, fizemos um exaustivo levantamento genealógico de cada uma destas colocações e levantamos muitos dados referentes à prática econômica do grupo integrado como força de trabalho na empresa seringalista.

"A Universidade Federal do Acre pagou a Sueiro R\$ 20.000,00 - vinte mil cruzeiros - pela coleção de objetos levados por ele. De posse do dinheiro, Sueiro pediu-nos para comprar as mercadorias mais necessárias para que ele pudesse movimentar o Fortaleza. Ele sabia exatamente quais as mercadorias mais necessárias, mas contava com a nossa ajuda apenas para descobrir comerciantes que vendessem mais barato. Sueiro sempre

pareceu-nos uma pessoa com um profundo conhecimento das transações comerciais com os patrões dos seringais, ele próprio era uma espécie de "gerente aviado" do seringal Fortaleza.

Com esta mercadoria, Sueiro passou a mobilizar a força de trabalho dos Kaxinawá de todos os seringais do Jordão, mesmo daqueles que não moravam no seringal Fortaleza. Vendendo as mercadorias obtidas a preços mais baratos, passou a comprar as "pelas" ou bolas de borracha dos demais seringueiros Kaxinawá. Por ocasião de nossa terceira viagem ao Jordão, pudemos constatar essas diferenças de preços, porque Sueiro sempre nos facilitou acesso ao seu livro de contas correntes".

RELAÇÃO DE PREÇOS DE ALGUMAS MERCADORIAS (1977)

| MERCADORIA | Preço em Rio Bco. ou Tarauacá | Preço no seringal Fortaleza | Preços de outros patrões Jordão |
|----------------|-------------------------------|-----------------------------|---------------------------------|
| espingarda | ₺ 700,00 | ₺ 950,00 | ₺ 1.500,00 |
| machado | ₺ 30,00 | ₺ 60,00 | ₺ 150,00 |
| enxada | ₺ 25,00 | ₺ 50,00 | ₺ 130,00 |
| balde seringa | ₺ 15,00 | ₺ 30,00 | ₺ 60,00 |
| faca seringa | ₺ 20,00 | ₺ 55,00 | ₺ 60,00 |
| tigela seringa | ₺ 1,00 | ₺ 2,00 | ₺ 3,00 |
| fósforo | ₺ 0,50 | ₺ 1,00 | ₺ 2,00 |
| tecido (mesa) | ₺ 25,00 | ₺ 30,00 | ₺ 60,00 |
| rede | ₺ 150,00 | ₺ 250,00 | ₺ 350,00 |
| linha | ₺ 10,00 | ₺ 15,00 | ₺ 25,00 |

"Sueiro passou a representar, para os demais Kaxinawá do Jordão, o papel de regatão, ao qual não era permitido subir este rio, pelo patrão chefe estabelecido na sua foz - Carlos Farias. Era alternativa de que Sueiro dispunha para fazer face à concorrência com os demais "gerentes aviados" e, assim, conseguir alguns fregueses para o seu próprio seringal e desviar a produção da borracha das mãos dos patrões regionais.

A compra da borracha dos seringueiros Kaxinawá subordinados a outros patrões e a tentativa de Sueiro em ocupar 15 colocações, que, anteriormente pertenciam ao Fortaleza, provocou o primeiro confronto direto entre ele e os "gerentes aviados" dos seringais vizinhos, Sueiro saiu parcialmente citorioso, porque só conseguiu ocupar as 7 colocações do pequeno seringal Srocaba, que era, antigamente ligado ao Fortaleza.

Em meio a este conflito, iniciamos nossa terceira viagem ao Jordão, durante os meses de abril/maio de 1977, com a finalidade de delimitar as reservas indígenas da bacia do Tarauacá".

TERCEIRA ETAPA

"Encontramos Sueiro novamente em Tarauacá, tentando agora receber a aposentadoria do FUNRURAL para aqueles velhos Kaxinawá que ele tinha conseguido aposentar durante o início da segunda etapa da pesquisa. Nessa ocasião, integrávamos uma equipe formada por um topógrafo do INCRA e um funcionário da FUNAI de Brasília.

Ao chegarem ao Fortaleza, Sueiro convocou toda a população Kaxinawá do Jordão para dois encontros que decidiram os limites da reserva deste rio. Ele próprio fez o esboço da área delimitada, a pedido do topó

grafo, que desconhecia a região. Sueiro passou a liderar entre os se⁵ ringueiros Kaxinawá, o direito a 6 seringais do Jordão: Bonfim, Bom Jardim, Fortaleza, Sorocaba, Transual e Revisão, todos, com exceção de Fortaleza e Sorocaba, de propriedade do Sr. Raimundo Ramos e arrendados pelo sr. Carlos Farias".

Por essa ocasião, Sueiro conseguiu reunir, em 15 dias, 1.200 kg. de borracha e 80 kg. de sernambi para vender diretamente na cidade de Tarauacá. Era a primeira vez, em toda a história do Jordão, que se conseguia vender diretamente na cidade, burlando, assim, os dois maiores patrões seringalistas que dominam o alto curso do Tarauacá e seus afluentes: Carlos Farias e Hilarin^o Melo. Enquanto o patrão do Jordão "pagava", no sistema do "troco" o kilo da borracha a R\$ 11,00, Sueiro conseguiu vender na cidade de Tarauacá, a R\$ 20,00 e a dinheiro.

Com a venda da borracha, arrecadou R\$ 24.000,00 gastando tudo na compra de mais mercadorias.

"Estas compras foram feitas por Sueiro com muita cautela. Ele estava temeroso de que a borracha fosse apreendida na cidade. Depois de consultar vários comerciantes locais, para saber os preços que pagavam pelo kilo de borracha, e os preços das principais mercadorias que deveria adquirir, é que efetuou a transação. Sempre acompanhávamos, discutíamos as questões, mostrávamos as alternativas, mas nunca dizíamos a última palavra. Ele decidia o que fazer, mas precisava do nosso apoio para enfrentar os patrões regionais do rio Jordão.

Todo esse envolvimento com Sueiro conduziu a maioria de nossas conversas com os seringueiros Kaxinawá, no sentido de aprender as suas representações sobre a prática econômica na empresa seringalista, a diferenciação interna existente dentro do próprio grupo, as relações inter-étnicas no contexto do seringal e o funcionamento do aviamento na sociedade Kaxinawá. Nas duas últimas etapas de campo, Sueiro constituiu-se no principal informante e companheiro de viagem pelos rios e seringais onde viviam os Kaxinawá".

Como resultante de toda essa história, Sueiro se transformou no líder do grupo Kaxinawá do rio Jordão, que passa a reivindicar a demarcação das reservas indígenas prometidas pela FUNAI.

Em outubro de 1977, Sueiro, que estava em Rio Branco entregando as peças que ainda faltavam ao "museu Kaxinawá" da Universidade Federal do Acre, denuncia na Ajudancia da FUNAI, na Prelazia do Acre e Puriús e nos jornais locais a luta que eles travavam com os patrões do Jordão, pela posse dos seringais, dentro da área delimitada como reserva.

Dizia, Sueiro, nessa ocasião, que, depois da delimitação das reservas, os patrões passaram a expulsar das colocações de seus seringais os Kaxinawá que lá viviam. Ele continuava aguardando que as reservas prometidas fossem realmente demarcadas. Sueiro, no seu linguajar simples de homem experimentado à vida dos seringais, mostrava às autoridades mencionadas, que a única alternativa de preservação dos Kaxinawá, como grupo, depois do estabelecimento das empresas agropecuárias na região, era a demarcação de suas reservas.

Q U A R T A E T A P A

Essas denúncias de Sueiro caíram no vazio, porque nenhuma providência foi tomada por parte das autoridades, principalmente pela FUNAI, que se omitiu completamente da questão, inclusive proibindo Sueiro de voltar a Rio Branco. O chefe da Ajudancia da FUNAI em Rio Branco, Sr. Antonio Pereira Neto, dizia a Sueiro que permanecesse em seu seringal, enquanto ele, dentro dos trâmites legais, procuraria acelerar o processo de demarcação das reservas indígenas do Acre, incluindo a área do rio Jordão.

Por esta ocasião, havia sido encaminhado à FUNAI um projeto do antropólogo Terri Vale de Aquino, propondo um trabalho de Desenvolvimento de Comunidade para os índios Kaxinawá dos rios Jordão e Humaitá, no qual incluía também um projeto de Educação Indígena, elaborado por Maria Conceição Maia de Oliveira e Cláudia Vale do Neto, que já desenvolviam na "casa do índio" de Rio Branco, uma experiência com alfabetização indígena

Esse projeto foi vetado e, segundo informações do chefe da Ajuda da FUNAI no Acre, por motivos de denúncias feitas pelo Senador Altemir Leal, maior proprietário seringalista da região. Desconhece-se o teor dessas denúncias, mas sabe-se que se referiam à participação do antropólogo na área em questão e que foram acatadas pelo General Ismarth, presidente nacional da FUNAI, sem quaisquer averiguações.

A situação dos Kaxinawá do Jordão se agravava cada vez mais com ameaças de matar "caboclos" (seringueiros indígenas), expulsar de colocações, impedir que os seringueiros Kaxi entregassem suas "pelas" de borracha a Sueiro, etc., por parte dos "gerentes aviados", Altemir Farias e João Dedé, que recebiam de seus patrões, Carlos Farias e Raimundo Ramos, ordens nesse sentido. Enquanto isso, acontecia uma grande afluência de Kaxi antes espalhados por toda a bacia do Tarauacá, para aquela área, atraídos e motivados pela delimitação e promessa de demarcação de suas reservas".

Surge daí um problema: onde colocar esses seringueiros, se o pequeno seringal Fortaleza e o Sorocaba não comportavam todos e já não bastavam para os que lá trabalhavam? Sueiro decide então, que eles deveriam ocupar as colocações que estavam "vadiando", dentro da área delimitada, e que provocou resistência e mais ameaças dos patrões. Os "gerentes aviados" espalhavam boatos os mais diversos: era mentira que aquelas terras eram Kaxi, isso é conversa de Sueiro e Terri; o governo queria reunir ali todos os Kaxi pra soltar uma bomba e matar a todos; que eles voltassem para o lugar de onde tinham vindo. Esse clima de terror, encontramos durante todo o percurso de nossa viagem de subida do Jordão por ocasião da quinta etapa de que trataremos posteriormente, e que provocava o pânico e insegurança entre os índios Kaxinawá.

Em início de 1978 ocorreu a quarta penetração na área, quando o antropólogo Terri, que acompanhava uma equipe de pesquisadores da CEDE PLAR, volta ao seringal Fortaleza e auxilia Sueiro, Getúlio e Nicolauzinho (responsáveis pelo movimento do seringal) nas transações comerciais da venda da produção de borracha da safra de 77.

Decidiram que, por serem os preços das mercadorias do patrão Hilarino Melo - que era quem aviava Sueiro até aquela época - bastante superiores aos de Tarauacá, ficaria mais "em conta" venderem a borracha e se aviarem diretamente na cidade. Por isso, dispensaram o patrão da Foz do Jordão e procuraram outro em Tarauacá. O sr. Ludovico, administrador do Grupo Paranacre Agropecuária S.A, passa a ser o novo patrão do seringal dos Kaxi. Essa substituição provoca uma reação por parte do Sr. Hilarino Melo, que vê diminuída a sua produção, na medida em que não pode mais contar com a safra do Seringal Fortaleza.

Aproveitando a baixada até Tarauacá, nessa viagem em busca de novo patrão, Sueiro resolve chegar até Rio Branco, onde reforça as denúncias que havia feito anteriormente e pede ao chefe da FUNAI que acelere o processo de demarcação de suas terras, para evitar conflitos maiores. Pede também que a FUNAI envie um funcionário para verificar de perto a situação e promova uma ação imediata na área.

"Os fregues dos seringal Bonfim, Jardim e Transual tão estragando tudo o que é de seringa, porque vão sair das colocações e dizem que não vão deixar seringa pra caboco não; já avisei pra FUNAI, não tenho mais pra quem denunciar. É preciso vim um fiscal vê o que tão fazendo. Isso é crime, estragá as seringa era do jeito que tão fazendo. Já dei queixa mais de tres vezes na FUNAI, o chefe de lá não entende. É preciso que a FUNAI dê a terra que prometeu. Minha produção é pouca, tem muita gente pra dar de comer, precisamos da nossa terra. Eu conheço o sol, a terra, sou da mata, sei que essa terra é nossa". (declaração de Sueiro).

A FUNAI mais uma vez se omite. Antonio Pereira diz que Sueiro tem pouca paciência e repete que ele volte e permaneça em seu seringal, não quer que ele faça mais viagens, se nega a fornecer mais passagens.

Nessa oportunidade, Sueiro pede a Terri que consiga uma professora para ensinar lá no seringal, porque os Kaxi tem muita vontade de aprender a ler e escrever. É quando entram em contato com a professora Keilah Diniz, diplomada em composição e regência e Licenciatura em Música pela Universidade de Brasília, que, na ocasião, estava se desligando da Univer

sidade Federal do Acre, onde desenvolvia atividade nos setores de música e teatro.

Esse trabalho de alfabetização deveria ser realizado, e havia interesse em fazê-lo pelas pessoas que já haviam elaborado projeto nesse sentido, mas que se encontravam, no momento, impossibilitadas de se deslocarem para o campo.

O convite foi aceito, pois havia interesse em conhecer mais a região, levantar um possível material de música entre os índios, e a professora Keilah Diniz se prepara para acompanhar Sueiro em sua viagem de retorno ao Fortaleza dos Kaxi. Conceição, idealizadora do projeto de Educação Indígena, subiria um mês depois, constituindo assim o que chamamos de quinta e última penetração na área.

Q U I N T A E T A P A

Encontramos os índios Kaxinawá vivendo a situação já descrita na denúncia de Sueiro. Constatamos essa realidade e percebemos que estes, e muitos outros problemas vivenciados com eles, de ordem social, se agravavam numa proporção contínua e crescente. Tivemos contato e convivemos com o que consideramos o máximo da pobreza e miséria. A situação de saúde, desnutrição, sanitária e analfabetismo, é a pior possível, atingindo o mais alto grau de carencias. A caça foi prejudicada pela invasão dos cachorros trazidos pelos "paulistas"; a pescaria já não dá os mesmos resultados de outros tempos; as epidemias de malária, coqueluche, as diarreias, a desnutrição, acidentes ocasionais, etc. são fatos corriqueiros. A fome e as doenças são uma constante no seu dia-a-dia, impedindo-os de se dedicarem mais ao trabalho e aumentar a produção de borracha, única maneira, atualmente, de melhorarem suas condições de vida.

Havíamos levado alguns remédios e material escolar. Iniciamos então a organização de uma farmácia e criamos condições mínimas para o funcionamento da escola: alunos e local. A requisição era intensa, pois a escola funcionava nos três períodos, atendendo a disponibilidade de cada um, e a solicitação de remédios era de 24 horas por dia. Também auxiliávamos nos despachos de mercadorias, orientando a escrita e organização dos livros de contabilidade, além de que, procurávamos participar das atividades das mulheres, conversar, na tentativa de entender os seus costumes, aprender a língua e poder, assim, orientar melhor o trabalho da escola, no sentido de reforçar a sua cultura indígena. Motivamos os moradores da sede do seringal Fortaleza e cultivamos uma horta, onde foram plantadas mais de 10 qualidades de hortaliças, entre verduras, legumes e temperos (havíamos levado sementes). Incentivamos o artesanato reunindo uma grande quantidade de objetos de cerâmica, palha e tecelagem, para serem levados para a cidade, vendidos ou trocados por mercadorias que "encomendavam".

Participávamos das discussões quando uma situação exigia decisões e atitudes. Não havia como escapar de nos envolvermos em seus problemas referentes à questão "TERRA", pois, além da solicitação de opiniões, por parte das pessoas que dirigem o movimento do seringal, éramos constantemente procurados pelos seringueiros Kaxi que nos contavam suas histórias.

"O Altemir (gerente aviado do Bonfim) faz ameaça todo dia, dizendo que, se o Adauto entregá pela de borracha pro Sueiro, vai expulsar nós da terra" (mulher de Adauto, seringueiro Kaxinawá).

"O Altemir tá falando que vai destigelar as estradas se nós entregá borracha pro Sueiro; deixa vim que eu acompanho ele, uma por uma. Ele fala que vai matá e fazê balsero de caboco no rio" (Luís Pinheiro).

"O João Dede (gerente do Jardim e Divisão) disse que vai tomá as estradas nossa, se nós não entregá a borracha prá ele. É orde do Carlos Faria, que não sabe de caboco ocupando estrada, se não for trabalhando prá ele" (Irapuá).

A onda de boatos crescia vertiginosamente e era uma arma poderosa utilizada pelos patrões para espalhar o medo e deixar desorientados os Kaxi quanto a situação de demarcação de suas terras. Os "gerentes avia-

dos" diziam que ficariam ainda mais 5 anos movimentando seus seringais, conforme ordens recebidas dos patrões da cidade, e, enquanto isso, quem estivesse em suas colocações tinha de trabalhar para eles. Queriam receber a renda das estradas em setembro - normalmente se paga no fim do ano - porque o Carlos Farias estava precisando de dinheiro e mandou cobrar.

Quando procurávamos os "gerentes aviados" para conversar, diziam todos a mesma coisa: que estavam se preparando para ir embora no fim da safra; sabiam que aquelas terras eram dos índios; que os Kaxi podiam entregar o produto para Sueiro, desde que pagassem a renda. Para os seringueiros Kaxi diziam tudo ao contrário, criando dúvidas e confusões.

O trabalho que desenvolvíamos junto aos índios Kaxinawá, tinha para nós objetivos definidos. Eram os do projeto de Desenvolvimento de Comunidade e Educação Indígena, que havia sido vetado pela FUNAI. A decisão de por em prática tal projeto, apesar da FUNAI, havia sido tomada quando, motivados pelo entusiasmo de Terri, o jornal "VARADOURO" e várias pessoas isoladamente se interessaram e resolveram apoiar a concretização. Com isso conseguimos ajuda financeira para as viagens, material escolar, remédios, roupas usadas, presentes, etc., o que possibilitou nossa ida e início da execução do trabalho.

No início de outubro deste ano, credenciado pela Secretaria do Fomento Economico do Estado do Acre para realizar pesquisa sobre Aviamento nos seringais do Estado, o antropólogo Terri Vale de Aquino volta ao Forleza, de onde, após auxiliar nos preparativos para a baixada da produção de borracha, safra 78, seguiria viagem até o rio Breu, dando continuidade ao trabalho de levantamento de dados e informações para a pesquisa sobre Aviamento.

Ao passar pela Vila Jordão, no dia 9 de outubro, Terri teve uma discussão com o Sr. Nei encarregado da construção de uma pista de pouso para avião, na Vila, a qual contava quase que exclusivamente com a mão-de-obra dos índios Kaxinawá Jordão. A discussão girou em torno do preço da diária paga aos trabalhadores, \$ 60,00, que Terri conhecedor do valor da verba destinada para essa finalidade, considerou injusto. A verba era de \$ 400.000,00, quantia que fora oferecida, inicialmente, a Terri para justamente com os Kaxi, assumir esse projeto.

Esse fato, levou o Sr. Edson Paulino, piloto que acompanhava a construção da pista e que tinha interesses na questão da diária, a fazer denúncias das pessoas envolvidas no trabalho com os Kaxi, procurando atacá-las moralmente. Tais denúncias se espalharam por toda a região, acompanhando a onda de boatos, e foram reforçadas pelos patrões, que viram nisso a oportunidade de explorarem uma situação em seu benefício.

Aproveitando estas, outras acusações foram feitas e encaminhadas para os órgãos de Segurança do Estado e FUNAI, pelos patrões seringalistas que exploram a região, cujos interesses vêm ameaçados com a demarcação da reserva indígena dos índios Kaxinawá do Jordão.

Desconhecemos o teor dessas denúncias, que levaram a Secretaria do Fomento Economico do Estado do Acre a caçar as credenciais emitidas para o desempenho da pesquisa sobre Aviamento.

Soubemos também - informação ainda não confirmada oficialmente até o presente - que o Governador do Estado, Exmo. Sr. Prof. Geraldo Gurgel de Mesquita, teria assinado uma ordem para que fosse emitido um mandato de prisão contra Terri Vale de Aquino, que ainda se encontra na área dos Kaxinawá. Surge daí a questão: se é verdadeira tal informação, teria o Governador competência para emitir ordens nesse sentido? Isso não compete ao Juiz? Qual o interesse direto do Governador do Estado nesse assunto?

É essa a situação atual, que põe em risco a segurança das pessoas envolvidas no trabalho com os índios Kaxinawá do Jordão, impedindo a continuidade e concretização do projeto de Desenvolvimento de Comunidade e Educação Indígena, iniciado em julho deste ano.

Sueiro, que se encontrava em Tarauacá, acompanhando Conceição e Keilah que retornavam da área, ao tomar conhecimento da possível ordem de prisão contra Terri, fez a seguinte declaração:

"Quem vai prendê o "Txai" (nome dado a Terri pelos Kaxi) sou eu; nin 9. guém tira ele de lá. Ele é nosso amigo e só qué o nosso bem. Enquanto e-le tiver comigo, ninguém vai prendê ele".

Terri continua entre os índios Kaxinawá e é possível qué, até o presente momento, desconheça o suceder desses últimos acontecimentos, pois a comunicação é difícil, gastando normalmente uns 10 dias para que uma mensagem chegue ao seu destino.

Quanto aos Kaxinawá, continuam na luta pela demarcação de suas terras. São estas as últimas declarações de Sueiro, retiradas de uma gravação onde ele se dirige à imprensa de Rio Branco:

"Eu aviso que aqui tá tudo contra nós, os patrão daqui. Eu não sei porque que tem inveja do Terri, tão tudo contra o Terri, tão tudo contra Kaxi. Eu aviso prá vocês ficarem sabendo. Não querem entregá a seringa prá nós, as colocação. Peço que publiquem aí pro nosso chefe. É que tanto tempo que nós tem esperado; tamo lutando com poco recurso aqui. Tanto esperá, eu té falei que ia ter confusão. Governo libertou muito tempo aqui a nossa terra e nunca querem entregá recurso. As seringueras, num querem entregá; tão estragando muitas colocação, quase todo o seringal, não é porque veja a estória; nós tem visto na seringa, na estrada mesmo, por onde nós tem passado e nós tem visto. Nós num tem a quem dá queixa aqui. Só querem ouvi orde do seu Raimundo Ramos; orde de Governo num querem obedecer. Nós tem um livro aqui da FUNAIA e num querem obedecê. O Raimundo Ramos é o patrão do Tarauacá.

Eu já falei. Tanto tempo o Altemir falando, diz que ia matar os índios, não qué entregá colocação nossa, nossa seringa, num deixa nós trabaia. Todo tempo falando em matá, querendo botá nós fora da terra que é nossa; os Kaxinawá num tão podendo nem trabaia. Eu num sou com santo, eu também responde; se matá alguns de nós, nós também poderei matá eles. Por isso tão espalhando por aí que nós vamo todo mundo matá. Tão dizendo que é o Terri que manda. Não é Terri; isso é conversa de patrão daqui, que fala em matar, e eu respondo também, que nós Kaxi também po de matá. Se eles pode falá, eu também falo. O Altemir fala de matá muito caboco e fazê balsero de caboco no rio aí, descendo.

Eu falo por todos os Kaxinawá. Toda tribo Kaxi somo parente. Nós todo tamo aqui prá defendê nossa terra, prá mostrá nossa bravura. Nunca ninguém viu bravura de Kaxi. Kaxi num tem medo de ninguém. Na hora de fazê, ele enfrenta mesmo.

A FUNAI num vem aqui. Ela bem que podia vim aqui, falá cum nós também. Uma andorinha só não faz verão. Eu queria que ela viesse aqui, falá prá esse pessoal entregá as nossa colocação; prá entregá a terra nossa, antes de tê confusão. As palavra que vem de baixo, eles num gosta de ouvi. Tão dizendo que eu ando cum mentira por aqui. Eu queria, ao menos, que viesse uma pessoa aqui, como o Terri tem andado por aqui e nunca morreu; inté hoje tá andando por aqui e num é da FUNAI.

Uma grande ajuda aqui é do Terri; e e num é provado que anda dizendo que vai matá gente não. Tá dando conselho pro bem e mais umas coisa de bem, que já tem uma escola aqui. E num é da FUNAI não, é uma pesquisa que anda por aqui.

O nosso maió problema agora é a terra, que num querem entregá a seringa. Da onde é que nós vamo vivê? A nossa terra tem esse recurso, nós pricura, os patrão num querem entregá. Como é que nós vamos fazê? Produção? Num adianta a terra sem recurso, sem a seringa, sem a madeira de lei, aguana, cedro. Nós tem que trabaia nessas coisa, e seringa é a mais principal. Tem muito seringueiro Kaxi que tá sem cortá seringa por que num tem colocação. O recurso aqui da minha colocação é pouco prá todos".

FÉ EM DEUS E PÉ NA TERRA!

RIO BRANCO, 30 de novembro de 1978

MARIA CONCEIÇÃO MAIA DE OLIVEIRA

KELLAH DINIZ